

Para continuar refletindo sobre igualdades e diferenças

MAIS HISTÓRIAS DE ASTRONAUTAS, MARCIANOS... E OUTRAS PESSOAS

Voltamos ao conto da motivação: "Os três astronautas", de Umberto Eco.

1. Dramatizar

- Os estudantes dramatizarão o conto. Podem apegar-se à história original ou introduzir-lhe alguma mudança de comum acordo. Por exemplo: variar a nacionalidade, a raça ou o sexo dos astronautas. Não há nenhuma mulher nessa história!
- Seria bonito apresentar o conto a meninos e a meninas. Depois de tudo, o autor diz que os escreveu para eles... O professor ou a professora pode organizar uma atividade deste tipo. Os estudantes prepararão uma representação do conto, dramatizada ou com marionetes, e a realizarão frente a um grupo de meninos e meninas, dentro do mesmo colégio, se existir classe primária, ou em outra escola do bairro. Eles mesmos conduzirão o debate posterior de seu público infantil. Também podem pedir-lhes que ilustrem o conto. Depois, de volta a sua classe, comentarão as reações e opiniões dos meninos.

2. Improvisar

- O professor ou a professora convidará aos estudantes para que, em grupos, improvisem pequenas cenas onde pessoas muito diferentes e desconhecidas entre si coincidam numa situação difícil. Que aconteceria? Que fariam essas pessoas e por que? Algumas idéias, que os jovens e o professor podem enriquecer ou modificar, são:
 - * Várias pessoas, após sofrer um acidente e recuperar a consciência, dão-se conta de que estão num lugar desconhecido.
 - * Várias pessoas ficam presas num elevador.
 - * Vários estudantes estão esperando numa sala que os chamem para uma prova oral. O conselho lhes avisa que a prova será em grupo e lhes pede que coloquem-se de acordo para apresentarem um tema juntos.
- Cada grupo fará sua improvisação frente a classe e depois todos comentarão o que viram e fizeram.

Para conhecemos melhor a nós mesmos e aos que nos rodeiam.

EU SOU ASSIM... COMO VOCÊ É? UM LIVRO SOBRE CADA UM¹

Cada estudante começará a fazer um livro sobre si mesmo, no formato e com os materiais que queira -folhas grampeadas ou em pasta, caderno, livro de notas, etc. Nele irá recopilando informação, experiência, sentimentos e opiniões pessoais que refletem sua individualidade e que deseja compartilhar com os demais.

Esta tarefa se prolongará durante o período de tempo -uma ou duas semanas, um mês- que o aluno tiver disponível ou que o professor ou professora determinar. Após, chegarão a um acordo sobre algumas datas, dentro desse período, para realizar trocas de livros entre companheiros. Depois da leitura mútua, haverá um momento para que os que trocaram livros possam dialogar entre eles. Encontraram coisas nas quais são parecidos? Coisas nas quais são diferentes?

Os jovens poderão logo continuar com a atividade por sua conta, sem que o professor atue como intermediário.

Algumas sugestões para o trabalho.

A capa do trabalho pode levar um auto-retrato. Nas páginas interiores cada um irá reunindo fotografias, desenhos, escritos pessoais em prosa ou verso, e pode acrescentar outros materiais que sejam especialmente significativos para ele ou ela. As páginas serão decoradas ou ilustradas com total liberdade.

O professor ou a professora proporá um guia sobre os conteúdos mínimos do livro, para que todos possam incluir informação semelhante e comparável. Para continuação ofereceremos algumas idéias, que podem ser modificadas, abreviadas ou enriquecidas pelo professor e mesmo pelos jovens.²

1 Desenvolvida a partir de uma proposta do Centro de Direitos Humanos das Nações Unidas em ABC- *La enseñanza de los Derechos Humanos*. Nova York, 1989.

2 Muitas destas idéias provêm de *Memorias. Un libro para mí, que habla de mí y de las cosas que me pasan*, de Antonia Cepeda e Ximena Valdez. Editorial "La Puerta Abierta", Santiago de Chile.

SOU ASSIM!

Me chamo... Também me dizem...

Creio que meu nome quer dizer...

Moro em...

O que mais eu gosto em mim é...

Algo que não gosto de mim é...

Sou mulher/homem.

O bom de ser mulher/homem é...

O não tão bom de ser mulher/homem é...

Fisicamente sou assim (incluir fotos ou desenhos): Meus olhos... Minha cor de pele...

Meu cabelo... Minhas mãos... Meus pés... Minha estatura... Meu corpo...

Um detalhe especial meu é...

Se pudesse mudar algo em meu físico, mudaria...

O que faço durante um dia de semana...

O que faço durante um feriado...

Meus gostos e preferências: De comida... roupa... música... livros... filmes/programas de TV... lugares... animais...

O que posso e gosto de fazer...

O que não gosto ou me é difícil...

As coisas que acho boas e aprovo...

As coisas que acho ruins e recuso...



MINHA HISTÓRIA

O que me lembro ou o que me contaram sobre meu nascimento...

O que lembro sobre minha infância...

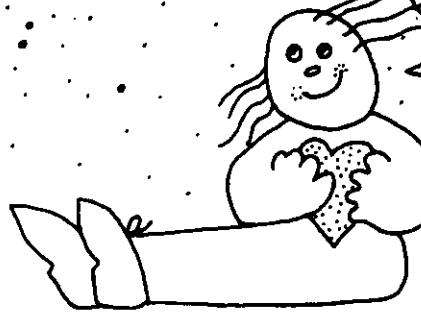
Coisas que meus pais me contaram sobre quando eu era criança...

Os acontecimentos mais importantes de minha vida...

Uma experiência especial que quero contar para vocês...



O QUE SINTO



Sinto carinho por: estas pessoas... estas coisas... estes lugares... estes animais... alguém especial...

Sei que estas pessoas gostam de mim: ...

Me dou conta que gostam de mim quando ...

Me dou conta que não gostam de mim quando ...

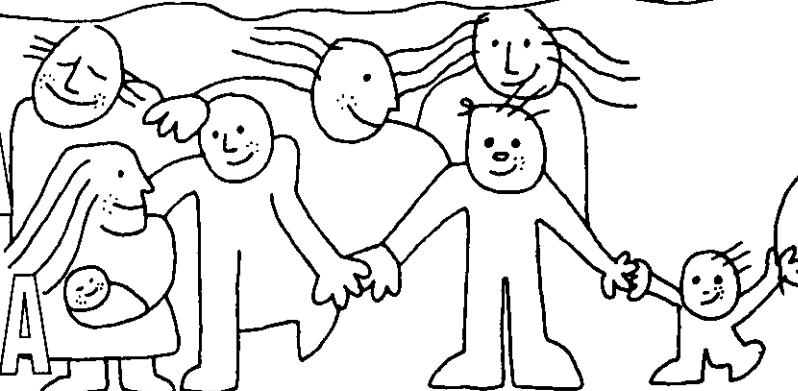
Coisas que me fazem feliz: ...

Coisas que me entristecem: ...

Coisas que me dão medo/raiva/vergonha: ...

Vou contar a vez que me senti mais feliz/triste/assustado/furioso: ...

MINHA FAMILIA



Os que vivem junto comigo são...(incluir fotos ou desenhos)

Seus nomes são...

Para algumas coisas me dou melhor com...

Algumas vezes tenho problemas com ...

Os que não moram comigo, mas também são meus familiares são...(incluir foto ou desenho)

Coisas que fazemos juntos com minha família: ...

Vou contar uma alegria/tristeza grande que vivi com minha família:

Meus pais:

Minha mãe se chama... Nela eu gosto..., mas não gosto ...

Coisa que faço com ela: ... Sinto-me feliz/triste quando ela ...

Meu pai se chama... Nele eu gosto..., mas não gosto ...

Coisas que faço com ele: ... Sinto-me feliz/triste quando ele ...

Algo que gostaria de dizer a minha mãe/a meu pai é ...

MINHAS AMIGAS E AMIGOS



Minha melhor amiga/amigo é ... Seu nome é... Tem ... anos. Mora em ... Assim nos tornamos amigas(os):...

Algo sobre nossa amizade: O que gosto/não gosto sobre sua maneira de ser é ...

O que gostamos de fazer juntas(os)... Algo que minha amiga(o) fez por mim:...

Algo que fiz por minha amiga(o): ...

O que aconteceu uma vez que brigamos: ... E depois, ...

Outros amigos que tenho: Seus nomes são ... E isto é o que fazemos juntos: ...

Para mim, assim é uma boa amiga/amigo: ...

Algo que gostaria de dizer a uma amiga/um amigo é ...

O LUGAR ONDE VIVO

Vivo no planeta ..., no continente ... e num país que se chama ... O lugar onde eu vivo fica em ... (região, estado, localidade)

Outros lugares de meu país que eu conheço são ...

Outros países que conheço são ...

Do meu país eu gosto ... , mas não gosto ...

Minha casa é assim .. Dela eu gosto ... Dela não gosto ...

Algo sobre meus vizinhos:

Um(a) vizinho(a) importante ... Um(a)vizinho amável ... Um vizinho(a)chato...

Um(a) vizinha que não gosto ... porque... Um(a) vizinho(a) que é meu amigo(a) ... porque...

Do lugar onde moro gosto ..., mas não gosto ... Se pudesse, mudaria ...

O lugar ideal onde gostaria de morar seria assim: ...

Para refletir sobre formas de discriminação de gênero

ELA ... TRABALHA OU NÃO TRABALHA? UM DIA NA VIDA DA MINHA MAMÃE

1. Investigar

- O professor ou professora perguntará aos estudantes o que faz sua mãe, em que trabalha. Anotará mentalmente os que dizem "ela não trabalha" para indicar que não desempenha um trabalho remunerado fora do lar. Retomará esta expressão na discussão posterior.
- Logo pedirá a cada um que faça uma lista no seu caderno de todas as atividades de sua mãe durante um dia de semana e outra durante o sábado. Se algum jovem não vive com sua mãe, escolherá outra mulher adulta mais próxima: avó, tia ou outra pessoa da família.
- Deixará como tarefa que, ao voltar para sua casa, entrevistem a sua mãe para perguntá-la como transcorre exatamente um dia típico da semana e um dia de sábado, desde a hora em que ela acorda até a hora em que vai dormir. Que faz, detalhadamente? Anotarão toda a informação em outras duas listas tipo horário.
- Logo compararão as quatro listas e anotarão suas observações. Podem usar as seguintes perguntas de orientação para o trabalho individual.
 - * As listas que eu fiz na aula, em geral parecem-se com às que me deu minha mãe?
 - * As do dia de semana e as do sábado?
 - * Quais atividades estão a mais na lista que me deu minha mãe?
 - * Por que será que eu não as inclui nas minhas listas?
 - * Quais coisas em comum têm as lista que me deu minha mãe para o dia de semana e o sábado?
 - * Quais coisas diferentes?
 - * Quais conclusões posso tirar destas comparações?

2. Analisar em conjunto

No dia seguinte, os estudantes compartilharão com a classe os resultados de sua investigação e reflexão individual.

Perguntas para orientação:

- * Por que alguns de vocês não incluíram algumas (ou muitas) das atividades que as mães realizam, nos dias de semana e nos feriados?
- * No geral, que atividades não incluíram?
- * Há alguma mãe que “não trabalha”?
- * Que atividades têm em comum as mães que trabalham em casa e as que trabalham também fora de casa?
- * Sabem o que é a “jornada dupla”?
- * Que consequências traz concentrar o trabalho doméstico exclusivamente na mulher? Como acham que ela sente-se? E o homem?
- * Conhecem famílias em que as tarefas domésticas sejam compartilhadas por homens e mulheres? Como o fazem?

O professor ou a professora guiará o debate coletivo, destacando que o trabalho diário que se faz numa casa, quando não é remunerado, muitas vezes passa despercebido. Claro ... para os que não têm que fazê-lo! Esse trabalho “invisível”, a maior parte das vezes, é realizado pela mulher. É o resultado de uma divisão antiquíssima do trabalho, *baseada em preconceitos sexistas: há tarefas que consideradas “próprias do homem” e outras, “próprias da mulher”. Entre estas últimas, as tarefas domésticas.

Dado que esta situação tem sido mantida durante séculos como algo natural, custa muito compreender que é injusta e lesiva, tanto para a mulher como para o homem. Para a primeira, porque representa uma carga excessiva e não reconhecida socialmente, que a esgota e a faz-se sentir desvalorizada e frustrada como pessoa; para o homem, porque o torna incapaz de realizar sozinho muitas atividades cotidianas e o faz contribuir a manter uma situação de injustiça dentro de seu próprio lar. A mudança é possível a partir de uma conscientização individual e de um esforço voluntário de cooperação mútua.



Para seguir refletindo sobre o trabalho da mulher

TRABALHO INVISÍVEL, VIDAS INVISÍVEIS

1. Ler e escutar poemas

A VIDA SE VAI, COMPANHEIRA

*Uma canção de León Chavez Texeiro (Mexicano)**

Abriu os olhos, meteu-se um vestido
foi devagar para cozinha,
estava escuro, sem fazer barulho
ascendeu o forno e a rotina.
Sentiu o silêncio como um apuro
tudo começava no café da manhã.
Dobrou suas costas, gozou um suspiro,
sentiu ridícula a esperança.
Ao menor ardeu-lhe a barriga,
rompeu o silêncio, choramingou

Serviu a seu esposo, vestiu os meninos,
trocou fraldas, serviu os pães,
levou a seus filhos para a escola,
pensou na dieta que se comia.
mediu o dinheiro, comprou verduras,
apalpou o cinza de sua economia,
fez a fila das “tortillas”,
carregou a Francisco, olhou a rua;
por todas partes havia mulheres,
todas compravam e moviam-se,
cumpriam isoladas com seus deveres,
lembavam-lhe às formigas:
sentiu de repente que eram amigas,
sentiu que todas eram amigas,

Voltou a sua casa, casa alugada,
viu mais amigas desde a entrada,
deu a Francisco com que brincar,
Varreu os pisos, estendeu as camas,
juntou as coisas de cozinhar,
cortou as batatas, colocou-as ao fogo,
e a gordura fez chiar.
Agora o cru transformou-se,

estava pronto para comer,
A casa inteira tem outra aparência,
de novo pronta para ser usada.
Pôs a mesa, serviu os meninos,
trocou fraudas, cortou os pães,
limpou de novo a mesa e a cozinha
Deu o remédio a Mercedes
pediu sua vez nos lavadouros
apertou vestidos e calças
olhou a roupa estendida ao sol
como se ontem não o tivesse feito
o mesmo batente todos os dias
caminhava de novo o trajeto
sentiu a vida como prisão
escapava-lhe tudo o que tinha feito.

Se vai a vida, se vai pro buraco,
como a sujeira pelo ralo.

Trocou palavras com suas vizinhas
houve sorrisos em formação
toda a raça no seu canto
arruma-se com a lida.
Sempre mulheres, cumprindo ofícios,
que se entretecem sem ter fim:
ser costureiras, ser cozinheiras,
camareiras e passadeiras,
ser enfermeiras e lavadeiras
também garçonetes e educadoras
muito diligentes trabalhadoras
às suas famílias deixam prontas
rumo à escola ou para o trabalho
para que possam revisar as listas.
Dava-se conta dos afãs

* Existe una versión grabada por el cantante Gabino Palomares

e os cinemas ao azar
para eles sempre a vida é séria
mas afogam-se na miséria.

se vai a vida, se vai pro buraco,
como a sujeira pelo ralo.

Foi direto para o seu ninho
sempre pensando passou a roupa
todo o puído deixou cerzido
tinha um momento pra descansar
abriu-se a porta e entrou o marido
também moído de trabalhar.
Pôs a mesa, serviu a sopa
para queixar-se não abriu a boca
riram-se juntos e conversaram
falou-se de meninos e de dinheiro
das vizinhas, de alguma dor,
dos caminhões e do patrão

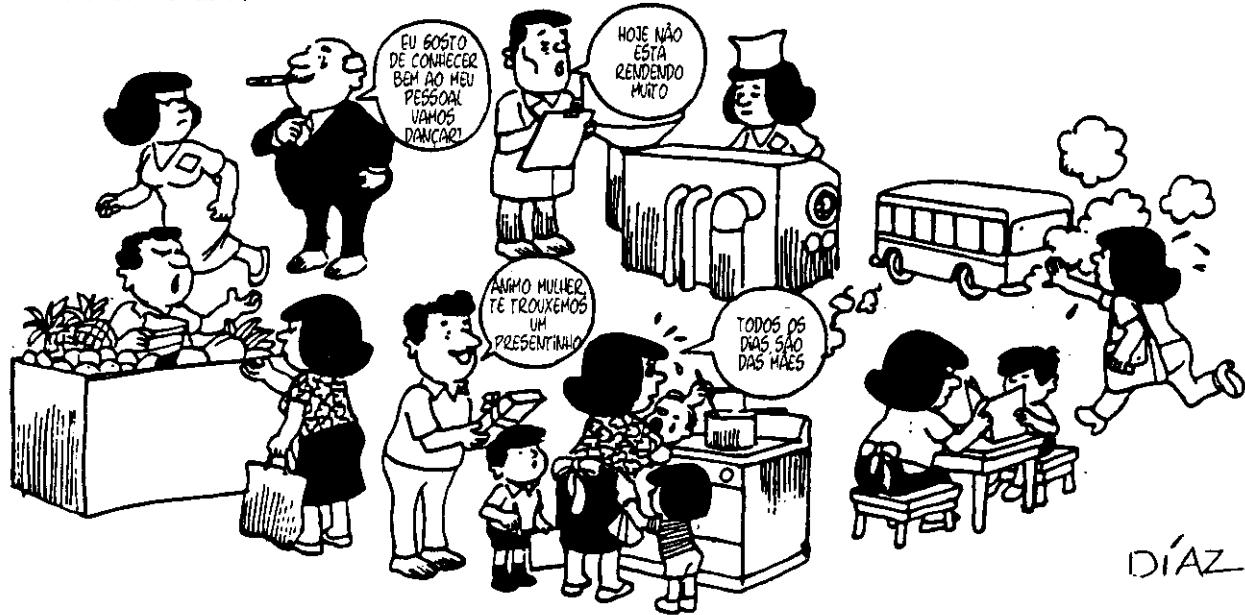
lavou a louça, jogou fora o lixo,
fez dormir os meninos, trocou fraudas.
Como ar que entra pela fresta
os dois brincaram com sua ternura
deu volta à fechadura
dormiu de repente todos seus males.

se vai a vida, se vai pro buraco,
como a sujeira pelo ralo.

Abriu os olhos, meteu-se um vestido
foi devagar pra cozinha,
estava escuro, sem fazer barulho
acendeu a forno e à rotina.
Sentiu o silêncio como um apuro
tudo começava no café da manhã.

se vai a vida, se vai pro buraco,
como a sujeira pelo ralo.

HOMENAGEM À SUPER MÃE



MARIA MARIA

Milton Nascimento (Brasileiro)

Maria, Maria é um dom uma certa magia
uma força que nos alerta
uma mulher que merece viver e amar
como outra qualquer do planeta

Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor
é a voz mais forte e lenta
de uma gente de uma gente que ri quando deve chorar
que não vive apenas agüenta

De uma gente de uma gente que ri quando deve chorar
que não vive apenas agüenta

Mas é preciso ter força
é preciso ter raça, é preciso ter garra sempre
quem traz no corpo a marca
Maria, Maria, mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha
é preciso ter graça, é preciso ter sonho sempre
quem tem a pele marcada
possui a estranha mania de ter fé na vida

2. Compartilhar

Os estudantes dialogarão sobre as reações e reflexões pessoais que lhes provocou a leitura dos poemas. Observarão as coincidências -ou discrepâncias- entre o que expressam os distintos companheiros e companheiras.

Perguntas de orientação:

- * Em que se diferenciam as mulheres às que se referem os dois poemas? Por exemplo: A que grupos étnicos pertencem? Aonde mora cada uma?
- * Além de suas diferenças, assemelham-se em algo estas mulheres? Quê sentem e pensam sobre suas condições de vida?
- * Acham que existem semelhanças entre o que sentem e pensam essas mulheres e suas próprias mães? Quais?
- * Que conclusões tiram destas comparações?

Para conhecer as diferenças étnicas próximas

MEUS COMPATRIOTAS¹

1. Esclarecer alguns conceitos

- O professor ou a professora pedirá aos estudantes que procurem a definição dos termos “raça”, “etnia”, e “cultura”, ou lhes proporcionará definições que ele ou ela tenha buscado de antemão.
- Em conjunto, analisarão as definições. É muito importante que o professor ou a professora proponha uma discussão crítica destes conceitos, em particular os de RAÇA e CULTURA.

O termo RAÇA é tradicionalmente muito difundido, mas atualmente questionado do ponto de vista científico. Tanto a Biologia como a Antropologia modernas sustentam que não pode-se aplicar o termo RAÇA aos seres humanos como se faz com outras espécies de animais. O ser humano pertence a uma raça só, denominada “homo sapiens sapiens”.

Na linguagem cotidiana ainda se fala de “raças”, fazendo referência à cor da pele ou outros traços físicos hereditários das pessoas, como se estas características secundárias fossem absolutas e formassem classes ou categorias “puras”, isto é, grupos fechados e homogêneos. Na realidade não é assim. Tem sido comprovado que a variação genética no interior de cada um destes presumidos grupos é maior ainda que a que pode existir entre um e outro grupo. De uma perspectiva científica, não existem tais “categorias puras”.

Que o conceito “raça” subsista, apesar de não ter rigor científico, explica-se mais como um fato social: um grupo de pessoas crê compartilhar determinadas características biológicas e genéticas que as diferenciam radicalmente de outras. E a partir desta crença costuma-se justificar preconceitos de superioridade ou inferioridade.... Mas trata-se de um fenômeno de percepção coletiva não de diferenças radicais objetivamente comprovadas.²

Por estas razões, atualmente tende-se a utilizar os conceitos de ETNIAS ou GRUPOS ÉTNICOS, que pouco a pouco vão substituindo o de “raças”.

*ETNIA: Reunião natural de indivíduos que têm o mesmo idioma e cultura.
(Dicionário VOX da Língua Espanhola)*

1 Adaptado de: Velásquez Toro, Magdala e Reyes Cárdenas, Catalina, Para construir la paz, conozcamos y vivamos los Derechos Humanos. Susaeta Edições, Colômbia, 1992.

2 Igual referência nota anterior.



Sobre o conceito de CULTURA é necessário destacar que tradicionalmente também era concebido de maneira restrita. Como cultura apenas eram consideradas as manifestações "superiores" do espírito humano, onde só cabiam certas expressões artísticas, científicas e tecnológicas -geralmente, as surgidas no mundo europeu ocidental, por exemplo a música, a arte e a filosofia clássicas.

A antropologia moderna foi a grande questionadora desta definição do termo. Hoje há consciência de que a cultura é a maneira particular que cada etnia ou comunidade humana tem de ver o mundo e atuar nele. Assim, não existem povos "cultos" frente a outros "incultos", simplesmente, todo povo tem sua própria cultura.

CULTURA: De maneira simples e imediata, podemos dizer que cultura é tudo o que fazem os homens quando atuam e refletem sobre seu viver comunitário e histórico (...) trata-se de uma forma integral de vida criada histórica e socialmente por uma comunidade, de acordo com uma forma particular em que resolva ou trave as relações com a natureza, a dos integrantes em seu seio, as relações com outras comunidades e com o âmbito do sobrenatural, a fim de dar continuidade e sentido à totalidade de sua existência, mediante uma tradição que sustenta sua identidade. (Di Tella, Torcuato S., Diccionario de ciencias sociales y políticas. Ec. Puntosur. Buenos Aires, 1989)

Uma CULTURA é um conjunto de formas e modos adquiridos de pensar, falar, expressar-se, perceber, comportar-se, comunicar-se, sentir e valorizar-se a si mesmo enquanto indivíduo e enquanto grupo.
(Heirie, Maria e outros, Interculturalidad, un desafío, CAAP - Linha de Educação Inter-cultural, Lima 1992).

2. Investigar

- Os estudantes recopilarão informações sobre os diferentes grupos étnicos de seu país. Podem utilizar os livros de texto de suas matérias do colégio e, se ali não encontrarem dados suficientes, recorrerão à biblioteca. Após, prepararão um informe para levar à aula.

O professor ou a professora lhes proporcionará um roteiro de investigação, que conterá perguntas como estas ou outras parecidas:

- * Qual a população indígena do país e de onde provêm? Quantas etnias diferentes existem?
- * Quais as principais regiões em que vive essa população indígena? Como são estas regiões? (Por exemplo, são regiões ricas ou pobres? Em que sentido são ricas ou pobres?)
- * Qual a população indígena que vive em sua região ou sua cidade? Como vive? Em que trabalha?
- * Que idioma(s) fala? Que religião(ões) pratica? Quais são suas principais celebrações? Como são seus costumes, sua música, sua arte? Recolha toda informação que encontrar sobre sua cultura.

Há população negra ou de origem asiática no país? Se for assim, responda as mesmas perguntas sobre eles.

- * Quanta população branca tem no país e de onde provêm?
 - * Em que regiões vive principalmente essa população? Como são estas regiões?
 - * Qual a população branca que vive em sua região ou sua cidade? Como vive? Em que trabalha?
- A informação recopilada se analisará em aula. O professor pode fazer algumas perguntas gerais adicionais como, por exemplo:
- * Tiveram alguma dificuldade para encontrar toda a informação que buscavam? Alguma em particular?
 - * Comparando as cifras sobre cada grupo racial, quais conclusões podemos tirar?
 - * Que coisas não sabiam antes e aprenderam sobre seus compatriotas de outras etnias?
 - * Modificaram alguma idéia que antes tinham sobre eles? Qual (is)?

Para reconhecer outras formas de discriminação

A REJEIÇÃO AOS VELHOS

1. Investigar em grupos

- O professor ou a professora introduzirá brevemente o tema, perguntando aos alunos se acreditam que na sociedade contemporânea, em geral, e em sua própria comunidade, em particular, aconteçam atitudes de rejeição ou menosprezo às pessoas de idade avançada. As opiniões provavelmente diferirão: alguns opinarão que sim, outros que não, e muitos talvez não estejam seguros ou não tenham considerado antes o problema.
- A partir desta primeira aproximação do tema, convidará aos jovens a que realizem uma pequena investigação em seu ambiente direto a fim de reunir mais elementos de julgamento. Em pequenos grupos de dois ou três, os estudantes entrevistarão a diferentes pessoas anciãs de sua comunidade, começando pelos de sua própria família (por exemplo, avós e avôs). Também falarão com pessoas de distintas classes, distintas ocupações e distinta situação econômica. Será importante que entrevistem a anciãos que vivem com membros de sua família e a outros que vivem sozinhos.

Para não esquecer de nenhum grupo, se for possível um ou dois grupos de jovens visitarão um lar ou asilo de anciãos para entrevistar alguns deles que aceitem colaborar com a investigação.

Perguntas de orientação:

As seguintes perguntas são somente uma sugestão. O professor ou a professora considerará se elas são apropriadas para sua comunidade ou se é necessário modificá-las.

- * Alguma vez você sentiu algum tipo de rejeição ou menosprezo por parte de pessoas mais jovens?
- * Se isso ocorreu, quando e como manifestou-se essa atitude?
- * Que opinião tem a respeito?

2. Ler, analisar e compartilhar.

No dia seguinte, reunidos os estudantes nos mesmos grupos, receberão uma cópia do artigo do Dr. Christian Barnard que aparece na continuação.

UM NOVO MAL: DETESTAR AOS ANCIÃOS.

Christian Barnard (Sul africano)

A Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas parece ter esquecido um setor da população que é objeto da mais feroz discriminação: os anciãos.

Se a Assembléia Geral tomasse nota do problema poderia também ativar outra de suas instituições, a Organização Mundial da Saúde, para que estude o desenvolvimento da enfermidade em que se baseia esta discriminação. Este mal chama-se gerontofobia, descrita por um comentarista inglês como o temor irracional aos anciãos e à velhice.

Ocasionalmente tive contato com esta doença quando era médico jovem e tratava a um paciente afetado temporariamente por alguma doença comum. Os parentes perguntavam inquietos sobre a saúde do paciente e logo admitiam sua preocupação pela “responsabilidade” de dar-lhe cuidados prolongados.

Hoje a sociedade orientada para a juventude proporciona um cultivo fértil para esta enfermidade, levando a uma situação onde as pessoas de idade madura quase sintam vergonha de sua idade e os anciãos sintam-se culpados de sua mera existência. Há uns poucos anos houve um surto de gerontofobia em Kalk Bay, devido ao uso de vários hotéis como residência de anciãos. Os aterrorizados gerontofóbicos assinaram pedidos, escreveram aos jornais e inclusive trataram de comprometer em seu delírio ao representante local do Parlamento, queixando-se de que os anciãos eram um perigo para as crianças, provocavam uma queda no valor da propriedade e uma diminuição do turismo.

Se somente pensarmos no insulto escondido sob “comprimentos” tais como “você parece

anos mais jovem” ou “não demonstra sua idade”, vemos que por detrás destas expressões existe uma suposição inconsciente que a idade deve ser evitada e que possuir a juventude é por si mesmo um valor positivo. Como o racismo e o sexism, significa separar a um grupo especial do resto da raça humana para discriminá-lo em contrário a ele de alguma forma.

A aposentadoria obrigatória, os asilos de anciãos, o cuidado inadequado da saúde, as baixas rendas e não menos importante, a transformação dos velhos em presas preferidas pelos assaltantes, esperam aos que atravessam a linha entre “nós” e “eles”. * Verdades políticas muito poderosas ameaçam aos que cruzam a porta da aposentadoria.

Passam a pertencer à sociedade descartável, como um fogão antiquado ou um carro velho, jogam-os no lixo, tão úteis e necessários como o jornal de ontem. Numa era em que as pessoas de nenhuma maneira sentem-se muito seguras e perdem o rol social que lhes proporciona maior identidade, seu trabalho.

Na última década, a profissão médica tem agravado a ironia, acrescentando anos à vida sem assegurar-se que se acrescente vida aos anos. Em outras palavras, a medicina moderna tem aumentado a sobrevivência do corpo humano, mas tem dado pouca atenção ao crescimento da correspondente utilidade. E não é só questão de manter-se ativo. Alguns anciãos têm sido reduzidos a viver de rendas tão exíguas que vêm-se forçados a conseguir um trabalho extra ou morrer de fome e, porém, qual empresário leva em conta aos aposentados quando trata de empregar alguém?

Mas provavelmente de todos os males que

produz a fobia pelo envelhecimento, o mais destrutivo socialmente é o amontoamento das pessoas por idade. Os jovens casados, nos subúrbios repletos de supermercados e colégios; os de idade média, nas zonas populosas ou com casa na praia, e os velhos na aldeia do “pôr do sol” ou qualquer que seja o eufemismo do momento para a ante sala do crematório.

Um dos mais constantes lutadores da África do Sul por um trato mais justo para a velhice, um oficial da reserva, que escreveu milhares de cartas com a esperança de despertar um pouco à humanidade renunciou à sua tarefa o ano passado. Sua mais amarga constatação foi informar-se que gastamos anualmente 600 milhões de libras em licor, mas nos negamos a ajudar na campanha para dar aos anciãos um centavo mais ao mês. A fobia pela velhice está inscrita na linguagem. Praticamos todo tipo de ginásticas verbais para evitar descrever a alguém simplesmente como velho; o “aposentado” e a “idade dourada” são títulos que damos às pessoas

que tem cometido o pecado de viver além de certo limite permitido.

Como é o caso em todos os grupos não privilegiados, o remédio está principalmente em suas próprias mãos. Se são solidários podem conseguir muito pressionando aos membros do Parlamento e às autoridades locais para que os escutem. Um dos principais objetivos seria um tratamento flexível, deixar de trabalhar quando é adequado e não quando o nome aparece em algum computador que diz que hoje você está muito velho para fazer o trabalho de que era capaz de fazer somente a 24 horas antes. Os sindicatos têm sido muito lentos neste aspecto, provavelmente porque os membros retirados deixam passar suas quotas e com elas seu voto.

Necessito recordar aos que têm tido o privilégio de ter nascido antes de mim que o grupo que tem o maior potencial de pressão é o que tem objetivos comuns. Em conclusão, o que se necessita é o poder aposentado.



- O professor ou a professora convidará aos jovens para que, depois da leitura analisem as idéias do autor à luz dos resultados que obtiveram em sua investigação. Coincidem as opiniões de seus entrevistados com as idéias do autor? Muito ou somente em parte? Há diferenças entre as experiências que os diversos anciãos ou anciãs tem ao respeito? Que podem fazer os jovens para corrigir esta forma de discriminação?
- Reunida toda a classe, cada grupo apresentará os resultados de sua investigação e suas reflexões posteriores.

O professor concluirá a atividade convidando a cada jovem a refletir sobre suas próprias atitudes em relação aos anciãos. O objetivo é de que cada um faça, para si mesmo, um exame de consciência de sua conduta cotidiana para descrever se há nela sintomas de discriminação que tenham passado inadvertidos. Se for assim, o que cada um acha que deve fazer?

3. Aprofundar a investigação e a reflexão

O artigo anterior do Dr. Barnard começa com uma reclamação a alguns órgãos das Nações Unidas porque, na sua opinião, têm “esquecido” a situação dos anciãos. Neste ponto particular devemos corrigir ao autor, que é quem parece desconhecer o trabalho desenvolvido pela organização internacional neste campo.

No rigor da verdade, diversos órgãos da Organização das Nações Unidas têm-se ocupado da questão do envelhecimento desde 1948, ano em que a Argentina apresentou à Assembléia Geral um projeto de Declaração dos Direitos da Velhice. Desde então, o tema tem sido objeto de estudos, debates, documentos e propostas de planos de ação em várias instâncias deste foro internacional.¹

Recomendamos que o professor ou a professora esclareça este ponto a seus estudantes. E para aprofundar o tema, sugerimos algo mais.

Os estudantes visitarão a biblioteca ou centro de documentação de algum órgão das Nações Unidas em sua localidade e investigarão que informação existe sobre este problema. Depois, oferecerão um informe à classe.

Um documento importante para consultar é:

Informe da Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento, Viena, 26 de julho a 6 de agosto de 1982 (publicação das Nações Unidas, Nº S.82.I.16)

- Em aula, lerão e discutirão em grupo o documento internacional que aparece a seguir.

¹ Para obter mais detalhes históricos, consultar: Nações Unidas, *Atividades das Nações Unidas em matéria de Direitos Humanos*. Nova York, 1992, páginas 252-253.

PRINCÍPIOS DAS NAÇÕES UNIDAS EM FAVOR DAS PESSOAS DE IDADE

Para dar mais vida aos anos que têm acrescentado à vida.

(Adotados pela Assembléia Geral da ONU em dezembro de 1991)

A Assembléia Geral

Reconhecendo a contribuição que as pessoas de idade concedem as suas respectivas sociedades;

Reconhecendo que na Carta das Nações Unidas os povos das Nações Unidas expressam, entre outras coisas, sua determinação de afirmar sua fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e valor da pessoa humana, e na igualdade de direitos de homens e mulheres, e das nações grandes e pequenas e de promover o progresso social e elevar o nível de vida dentro de um conceito mais amplo da liberdade;

Tomando nota da elaboração desses direitos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, no Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais e no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos e de outras declarações com o objetivo de garantir a aplicação de normas universais a grupos determinados;

No cumprimento do Plano de Ação Internacional Sobre o Envelhecimento aprovado pela Assembléia Mundial Sobre o Envelhecimento e adotado pela Assembléia Geral em sua resolução 37/51 de 3 de dezembro de 1982;

Reconhecendo a enorme diversidade das situações das pessoas de idade, não só entre os distintos países, mas também dentro de cada país e entre as mesmas pessoas, que

necessitarem de respostas políticas também diversas;

Consciente de que em todos os países é cada vez maior o número de pessoas que alcançam uma idade avançada e em melhor estado de saúde ao contrário do que vinha sucedendo até agora;

Consciente de que a ciência tem manifestado a falsidade de muitos estereótipos sobre a inevitável e irreversível decadência que a idade entraña,

Convencido de que num mundo que se caracteriza por um número e uma porcentagem cada vez maiores de pessoas de idade, é primordial proporcionar às pessoas de idade, que desejem e possam fazê-lo, possibilidades de aportar sua participação e contribuição às atividades que a sociedade desenvolve;

Consciente das pressões que pesam sobre a vida familiar tanto nos países em desenvolvimento como nos desenvolvidos, torna-se necessário prestar apoio aos que ocupam-se de atender às pessoas de idade que requerem cuidados;

Tendo presentes as normas que já têm fixadas no Plano de Ação Social Internacional Sobre o Envelhecimento e nos convênios, recomendações e resoluções da Organização Internacional do Trabalho, da Organização Mundial da Saúde e de outras entidades das Nações Unidas;

Alerta aos governos a introduzirem o quanto antes possível os seguintes princípios em seus programas nacionais:

Independência

1. As pessoas de idade deverão ter acesso à alimentação, água, moradia, vestuário e cuidados de saúde adequados mediante internação, apoio de suas famílias, da comunidade e a sua própria auto-suficiência.

2. As pessoas de idade deverão ter a possibilidade de trabalhar ou de ter acesso a outras possibilidades de obter rendimentos.

3. As pessoas de idade deverão poder participar na determinação de quando e em quê medida deixarão de desempenhar atividades laborais.

4. As pessoas de idade deverão ter acesso a programas educativos e de formação adequados.

5. As pessoas de idade deverão ter a possibilidade de viver em ambientes seguros e adaptáveis as suas preferências pessoais e suas capacidades em constante alteração.

6. As pessoas de idade deverão poder residir em seu próprio domicílio pelo tempo que for possível.

Participação

7. As pessoas de idade deverão permanecer integradas na sociedade, participar ativamente na formulação e ampliação das políticas que afetam diretamente a seu bem-estar e poder compartilhar seus conhecimentos e habilidades com as gerações mais jovens.

8. As pessoas de idade deverão poder buscar e aproveitar oportunidades de prestar serviço à comunidade e de trabalhar como voluntários em postos apropriados a seus interesses e capacidades.

9. As pessoas de idade deverão poder formar movimentos ou associações de pessoas de idade avançada.

Cuidados

10. As pessoas de idade deverão poder desfrutar dos cuidados e da proteção da família e da comunidade de acordo com o sistema de valores culturais de cada sociedade.

11. As pessoas de idade deverão ter acesso a serviços de cuidados à saúde que lhes ajude a manter ou recuperar um ótimo nível de bem estar físico, mental e emocional, assim como a prevenir ou retardar a aparição da enfermidade.

12. As pessoas de idade deverão ter acesso a serviços sociais e jurídicos que lhes assegurem maiores níveis de autonomia, proteção e cuidado.

13. As pessoas de idade deverão ter acesso a meios apropriados de cuidados institucionais que lhes proporcionem proteção, reabilitação e estímulo social e mental num ambiente humano e seguro.

14. As pessoas de idade deverão poder desfrutar de seus direitos humanos e liberdades fundamentais quando residam em lares ou instituições onde lhes ofereçam cuidados ou tratamento, com pleno respeito de suas dignidades, crenças, necessidades e intimidades, assim como de seus direitos a adotarem decisões sobre seus cuidados e sobre a qualidade de suas vidas.

Auto-realização

15. As pessoas de idade deverão poder aproveitar as oportunidades para desenvolver plenamente seu potencial.

16. As pessoas de idade deverão ter acesso aos recursos educativos, culturais, espirituais e recreativos da sociedade.

Dignidade

17. As pessoas de idade deverão poder viver com dignidade e segurança e livres de explorações e de maus tratos físicos ou mentais.

18. As pessoas de idade deverão receber um trato digno, independente da idade, sexo, raça ou procedência étnica, deficiência ou outras condições, e devem ser valorizadas independentemente de suas condições econômicas.

Para reconhecer estereótipos de gênero

HOMEM E MULHER¹

1. Em grupo: EXPECTATIVAS

- O professor ou a professora lerá para a classe o seguinte texto:

Depois de jantarem juntos, dois juizes falam de seu trabalho. "O que você opina sobre o rapaz que compareceu hoje frente ao tribunal?", pergunta um. "Se você estivesse no meu lugar, qual teria sido sua sentença?" "Você sabe que eu não posso responder a essa pergunta", responde seu colega. "Dada a circunstância de que seu pai morreu há cinco anos e, além disso, é meu único filho."

- Perguntará à classe se o texto tem sentido. Por que acham que sim ou que não?
- Se ninguém encontrar a resposta lógica, o professor a proporcionará: o juiz que fala é a mãe do acusado.
- Entre todos se analisarão qual foi a reação geral.

Perguntas guia:

- * O texto criou desconcerto?
- * Quem se surpreendeu com a solução?
- * Por que surpreender-se?
- * Algum estudante espera que unicamente sejam juizes os homens?
- * Se for assim, por que?

2. Individualmente: Como se chamam?

- Se distribuirá o seguinte texto aos estudantes, juntamente com as instruções de trabalho.

Escreva o primeiro nome que lhe vir à cabeça para cada um dos personagens deste relato:

Reunida a Comissão Diretora (integrada por 5 membros) do Clube/

¹ Os exercícios 1, 2, y 4 dessa atividade foram desenvolvidos a partir de propostas do Centro de Direitos Humanos das Nações Unidas em ABC - La enseñanza de los Derechos Humanos. Nova York, 1989. O exercício 3 foi tirado de: Bustamante, Francisco e González, María Luisa, Direitos Humanos na Aula. Ruguai, 1992

Associação.....², a pessoa encarregada da presidência decide começar a sessão. A pessoa encarregada de redigir a ata informa a ordem do dia:

- a pessoa encarregada da tesouraria apresentará seu informe anual sobre o orçamento
- decidir entre duas pessoas que apresentaram-se para encarregar-se das tarefas da cozinha
- decidir entre duas pessoas que apresentarem-se para ficarem encarregados da preparação física da equipe esportiva

Personagens

Nome

- 1) pessoa encarregada da presidência _____
- 2) pessoa encarregada da tesouraria _____
- 3) pessoa encarregada de redigir a ata _____
- 4) quatro membros da Comissão Diretora _____
- 5) quinto membro da Comissão Diretora _____
- 6) pessoa nº 1 para tarefas de cozinha _____
- 7) pessoa nº 2 para tarefas de cozinha _____
- 8) pessoa nº 1 para preparação física _____
- 9) pessoa nº 2 para preparação física _____

- Quando tiverem terminado, o professor ou a professora recolherá as folhas.
- Fará um esquema no quadro para computar as respostas:

Personagens	nomes masculinos		nomes femininos	
	meninas	meninos	meninas	meninos
Presidência				
Tesouraria				
Encarregado de Atas				
4º membro				
5º membro				
nº1 cozinha				
nº2 cozinha				
nº1 preparação física				
nº2 preparação física				

- Discutem-se os resultados entre todos.

² O professor completará o nome com o de um Clube ou Associação típico do colégio ou da comunidade local. Também pode modificar os cargos para os quais apresentam-se os quais postulantes para adequá-los à realidade do Clube ou Associação que tenha elegido como exemplo, cuidando que um deles associe-se de forma geral com "funções femininas" e outro com "funções masculinas". Estas personagens, e possivelmente também o da pessoa que redige a ata (normalmente considerada como "função feminina"), permitem detectar até que ponto os participantes do jogo manipulam estereótipos de gênero.

Perguntas para orientação:

- * Que cargos ou ocupações vincularam majoritariamente a classe com o sexo feminino e quais com o masculino?
- * Há diferenças entre as respostas das meninas e dos meninos?
- * Que lhes sugerem estes resultados?
- * Têm alguma relação com o tema dos estereótipos sexuais?

3. Em grupo: O QUE É SER MULHER? O QUE É SER HOMEM?

- O professor ou a professora pedirá à classe que mencione todas as qualidades ou traços de caráter do ser humano, que lhe venham à cabeça. Por exemplo: ternura, emotividade, necessidade de carinho, frieza, romantismo, espírito de aventura, fortaleza, debilidade, humildade, arrogância, espontaneidade, agressividade, passividade, sensibilidade, racionalidade, instituição, disciplina, compreensão, tolerância, rigidez, valor, covardia, amabilidade, segurança, insegurança, audácia, timidez, autoritarismo, ,etc.
- A medida em que os traços forem mencionados, serão escritos no quadro. Uma vez obtida uma longa lista, o professor começará a examinar esses traços um por um, pedindo à classe que diga se o traço que está sendo considerado é próprio das mulheres, ou dos homens, ou se corresponde por igual a ambos.

O mais provável é que em seguida surjam estereótipos, sobretudo, entre as primeiras opiniões, as mais automáticas e irrefletidas. Pode-se dizer, por exemplo, que “a ternura e a emotividade são típicas das mulheres” ou a “agressividade e a audácia são próprias dos homens”.

Quando isto ocorrer, o professor ou a professora discutirá os estereótipos com o grupo. Mencionará que a cultura ocidental tradicionalmente tem tendido a classificar certas qualidades como “femininas” e outras como “masculinas”. Estas classificações talvez tenham criado uma definição social prejudicada sobre o que é “ser mulher” e o que é “ser homem”. Definição que, por sua vez, tem condicionado a vida de homens e mulheres e seu destino no mundo. “Se as mulheres são assim, podem fazer estas coisas; se os homens são assim, podem fazer estas outras...”

4. Investigar: O QUE FAZ UM HOMEM? O QUE FAZ UMA MULHER?

- Divididos em grupos, os estudantes farão uma pequena investigação para determinar que imagem e que papéis sociais típicos a sociedade atribui as mulheres e aos homens. Cada grupo buscará um livro de textos dos mais usados na escola primária, preferencialmente algum que eles mesmos tenham usado. Cada grupo poderá escolher um livro diferente para cada grau escolar.
- Os grupos analisarão os textos e, o mais importante, também, as ilustrações que aparecem nos livros escolhidos -fotografias ou desenhos. O professor ou a professora proporá uma série de perguntas de orientação para sua análise, como por exemplo:

- * Quantas vezes aparecem mencionados ou ilustrados homens? Quantas vezes aparecem mulheres?
 - * Que atividades fazem os homens que aparecem? E as mulheres?
 - * Que profissão ou ofício têm os homens? E as mulheres?
 - * Que aspecto físico e vestimenta têm os homens? E as mulheres?
 - * Que traços de personalidade se atribui aos homens mencionados ou ilustrados no livro?
 - * Que traços de personalidade se atribui às mulheres mencionadas ou ilustradas no livro?
 - * Aparecem homens desempenhando um papel ativo diário da casa: limpando, cozinhando, cuidando criança, etc.?
 - * Aparecem mulheres desempenhando um papel ativo fora do lar? Se for assim, em que tipo de ocupações: de escritório, de ensino, negócios, cargos políticos, etc.?
 - * Que conclusões tira o grupo das observações realizadas?
- Cada grupo escreverá os resultados obtidos e suas conclusões, para compartilhá-los depois com o resto da classe.



Para reconhecer estereótipos étnicos e culturais¹

ELES SÃO ASSIM

1. Investigar: O QUE VEJO DIARIAMENTE?

- Em casa, os estudantes observarão as propagandas nos meios de comunicação: na televisão, nos jornais e nas revistas de maior circulação na sua localidade. O professor ou a professora os ajudará a organizar-se de maneira que todos observem meios diferentes: distintos canais de televisão, distintos jornais e distintas revistas.
- Tomarão nota dos seguintes dados:

Data..... Meio observado:.....Nº de propagandas observadas:

Número de homens brancos que aparecem:

Atividades que realizam:

Número de mulheres brancas que aparecem:

Atividades que realizam:

Número de homens indígenas que aparecem:

Atividades que realizam.

Número de homens negros que aparecem:

Atividades que realizam:

Número de mulheres negras que aparecem:

Atividades que realizam:

Número de mulheres de origem asiática que aparecem:

Atividades que realizam:

Número de homens de origem asiática que aparecem:

Atividades que realizam:

- Em aula, serão reunidos em equipes, agrupando-se juntos os que observaram um mesmo meio -televisão, jornais, e revistas. Comentarão seus resultados, e analisarão a maneira como são tratados os diferentes grupos étnicos nas propagandas desse meio. Que conclusões tiram?
- Os grupos serão reunidos em plenário para apresentar suas respectivas conclusões e compará-las entre si.

Perguntas para orientação:

- * Encontram coincidências?

¹ Os exercícios 1 e 2 foram adaptados de: Velásquez Toro, Magdala e Reyes Cárdenas, Catalina, Para construir la Paz. Conozcamos y vivamos los Derechos Humanos. Susaeta Edições, Colombia, 1992.

- * Quais?
- * Como as explicam?

NOTA:

O exercício pode ser feito também observando livros de texto de escola primária, tal como desenvolveu-se na Atividade anterior sobre o tema dos preconceitos de gênero.

2. Investigar: O QUE OUÇO DIZER DIARIAMENTE?

- Os estudantes recolherão ditados populares e opiniões que ouçam freqüentemente para referir-se a pessoas não brancas.

Uma boa fonte para investigar são os ditos e coleções de ditados populares, que poderão encontrar na biblioteca do colégio. Outra fonte de informação será fazer uma pesquisa com diferentes pessoas, como por exemplo, uma vizinhança, perguntando sua opinião sobre como são os indígenas e os negros.

Vão encontrar muitos estereótipos negativos! Por exemplo, as autoras Magdala Velásquez Toro e Catalina Cárdenas Reyes, na obra antes citada, apresentam alguns exemplos muito significativos que recolheram de vários ditos: "Negro, nem meu cavalo", "Negro com saco, perde-se o negro e perde-se o saco", "O mais branco é o mais delicado", "Os negros são negros e os brancos são brancos, os negros na cozinha e os brancos no palanque", "Não há negra que mal não cheire", "Índio, mula e mulher se não fizeram, vão fazer", "O que vai com índio vai só", "O que afrouxa tem de índio", "Tem uma sorte negra".)

- Trarão o que tenham recolhido à classe para compartilhá-lo com os companheiros. O professor ou a professora pode realizar sua própria busca, para assim enriquecer os materiais de análise.
- O professor os convidará a refletir sobre o que encontraram utilizando perguntas guia como as seguintes:
 - * Que mensagem transmitem essas expressões?
 - * Afetam a dignidade das pessoas aludidas?
 - * Quais consequências têm para a vida das pessoas de cada grupo étnico que as escutam ou que as repetem?

NOTA:

O exercício pode ser usado para reconhecer outros tipos de preconceitos discriminatórios, por exemplo, os derivados de diferenças religiosas ou de nacionalidade. Assim, pode-se investigar que opiniões generalizadas existem sobre os povos de outros países latino-americanos -como são os chilenos, colombianos, mexicanos, panamenhos, costarriquenhos, etc- ou sobre os

crentes de outras religiões -como são os protestantes, os muçulmanos, etc.

3. Improvisar: ISTO PODE ACONTECER

- Em pequenos grupos, os estudantes improvisarão situações da vida cotidiana onde possam surgir atitudes de discriminação étnica ou cultural. Convém incluir também o tema da discriminação de gênero, pois a diferença de gênero está sempre presente e combina-se com todas as outras diferenças pessoais.

Algumas idéias poderiam ser:

- * os candidatos para um emprego são entrevistados pelo chefe de pessoal da empresa. Os candidatos são:
 - (a) um jovem branco, um indígena e outro negro;
 - (b) uma jovem branca, uma indígena e outra negra;
 - (c) uma mulher branca e um homem indígena;
 - (d) uma mulher jovem e solteira, e outra mulher de idade média e casada;
 - * Um casal entra em um restaurante elegante e pede ao garçom uma mesa.
 - (a) o casal é branco;
 - (b) o casal é indígena;
 - (c) o casal é negro;
 - (d) o casal é misto;
 - * Em uma classe de colégio, cujos estudantes são majoritariamente brancos, chega um estudante novo que é indígena ou negro. O que acontece durante o primeiro dia de recreio?
- Depois das improvisações, toda a classe debaterá sobre as cenas representadas.

4. Refletir: O QUE EU PENSO? O QUE FAÇO?

- O professor ou a professora convidará a cada jovem para refletir sobre suas próprias opiniões e atitudes com relação a pessoas de uma etnia ou cultura distinta a sua.

Perguntas para orientação:

- * Você tem ou teve alguma vez preconceitos, ou repetiu estereótipos negativos sobre pessoas de outro grupo étnico?
- * Como consequência destes preconceitos, teve alguma atitude discriminatória para com eles?
- * Alguma vez notou que outras pessoas tinham preconceitos com relação a você por seu grupo étnico?

- * Como consequências desses preconceitos, você sofreu alguma atitude de discriminação? Como se sentiu?
 - * Como pensa e sente agora? Tem amigos ou amigas de outros grupos étnicos?
 - * Você se casaria com uma pessoa de outro grupo étnico? Por que sim ou por que não?
- As perguntas anteriores são para motivar a reflexão pessoal. Os estudantes não devem ser pressionados a expressar suas respostas publicamente. Mas o professor ou professora pode convidar a quem deseje compartilhar suas reflexões com a classe.

Para aprender a superar os estereótipos

MINHA PEDRA AMIGA¹

- O professor ou a professora trará à aula um conjunto de pedras comuns, em número igual ao de seus estudantes. (A dinâmica também pode ser feita com outro objeto muito comum, como batatas.)
- Para começar a sessão, sem nenhum preâmbulo perguntará aos alunos como são as pedras, que traços ou qualidades têm. Anotará num canto do quadro ou numa folha os adjetivos que mais reiteram-se.
- Na continuação, dará uma pedra das que trouxe a cada um dos jovens e lhes pedirá que realmente chaguem a conhecê-la, que façam amizade com ela.
- Alguns estudantes apresentarão a sua pedra amiga ao resto da classe: dirão que idade tem, que nome, se está triste ou contente, ou como adquiriu a forma e as cores que tem. Podem escrever algo sobre sua amiga: um pequeno ensaio, uma canção, um poema de louvor ...
- Depois, o professor colocará todas as pedras numa caixa ou bolsa e as agitará para misturá-las. Logo as porá sobre uma mesa e pedirá a cada estudante que encontre a sua "amiga".
- Todos dialogarão sobre a experiência. Podem usar as seguintes perguntas como guia:
 - * Pude encontrar a minha pedra amiga?
 - * Por que pude reconhecê-la?
 - * O que penso agora sobre as pedras? O que aprendi?
 - * Que relação há entre este jogo e os estereótipos?

O professor orientará a discussão e destacará o paralelismo evidente: todas as pessoas de qualquer grupo, à primeira vista, podem parecer iguais. Mas uma vez que as conhecemos como indivíduos, todas são diferentes, todas têm suas próprias características e sua história pessoal. Com todas pode-se chegar a ter amizade. Agora, para isso, temos que renunciar às impressões do tipo "as pedras são frias, duras e indiferentes", a fim de chegarmos a conhecê-las. Em resumo: não temos que preconceituá-las a partir de estereótipos.

¹ Desenvolvido a partir de uma proposta do Centro de Direitos Humanos das Nações Unidas em ABC - La enseñanza de los Derechos Humanos. Nova York, 1989.

Para reconhecer e interpretar conflitos

NEM SEMPRE É SIMPLES...**1- Ler em grupos: UM CASO DE DIFERENÇAS CULTURAIS E CONFLITOS DE DIREITOS HUMANOS****Opinião****Para maior glória do Islão**

YADIRA CALVO

A exigência de véus nas mulheres não é ou não tem sido exclusiva dos muçulmanos. Escolásticos e Padres da Igreja têm gastado tempo e cérebro raciocinando por que as mulheres devem cobrir a cabeça ou o rosto, e na verdade não há necessidade de muita malfícia para adivinhar seus porquês. Explícita ou implicitamente, a razão baseia-se na idéia de que o véu representa um símbolo de obediência, recato e submissão. Exigida esta conduta, os raciocínios vêm depois. A mais generalizada entre os cristãos é que “o homem tem por glória o ser imagem de Deus; e a mulher tem por glória ser sujeita ao homem”. Se quisermos seguir perguntando, daremos com o nariz contra a idéia das idéias: é justo que o superior mande sobre o inferior.

A pesar do peso das tradições, no mundo ocidental, o véu ficou para o dia do casamento, onde segue representando o que representava. Os muçulmanos por sua vez, que os usam para diferentes classes, nomes e materiais, desde o chador no Irã, o haik na Argélia e a burga em outras zonas, o tem convertido em uma obrigação e um dever.

Atualmente, segundo uma notícia de 23 de junho publicada em “La República”, o “novo ano muçulmano” iniciou-se com perseguições de mulheres iranianas por parte do próprio governo. Detidas e levadas aos postos policiais, eram processadas e as obrigavam a assinar uma declaração na qual comprometiam-se a não maquiarem-se novamente nem a “atentar contra o pudor”. Segundo a notícia, as que tiveram processo aberto seriam flageladas. O fato de serem perseguidas por maquiarem-se ou não usarem o véu, indica, além da arbitrariedade do regime, o desacordo das mulheres contra os costumes que as oprimem.

Porém, quando se requer defender a identidade cultural frente a possíveis invasores de idéias ou governos

“estrangeirizantes”, elas mesmas decidem usar o véu, como protesto. Isto é, da mesma forma que o adotam frente a necessidade coletiva de proteger sua identidade cultural mediante o símbolo de sua segregação, o tiram para manifestar inconformidade contra as repressões de que são vítimas em sua própria cultura.

Isto explica porquê anos atrás muitas iranianas enfrentaram à polícia do Imperador com o grito de “Deus é Grande” e vestidas com o “chador” tradicional; e depois, durante a revolução que precedeu à demissão do Cha, e antes do obscurantismo jomeinsita, queimaram-no simbolicamente, antes de iniciar uma passeata de protesto gritando “véus não”.

Fato semelhante aconteceu na Argélia, durante as lutas anticolonialistas, das quais milhares de mulheres participaram ativamente na guerrilha da Frente de Libertação Nacional, ou ajudaram com sua resistência ativa ou passiva aos independencialistas. Da mesma forma que os homens, muitas morreram nos combates ou foram torturadas. E provando de tal maneira seu patriotismo, supuseram que a independência era uma conquista geral que as incluía. As fotografias da época mostravam-nas com o rifle em mão e na cabeça e no corpo o haik. Conseguida a libertação argelina, sob o governo de Ahmed Ben Bella queimaram os véus e pediram a igualdade ante a lei e a realidade. Mas o véu voltou, com o véu a submissão que representa, e vinte anos depois de acabados os combates contra o colonialismo francês, o Governo argelino aprovou um Estatuto da Família onde consagra-se a subordinação da mulher ao homem, “para maior glória do Islão”. Parece que o problema das mulheres é serem estrangeiras e sempre inferiores na sua própria cultura, condição que no Islão resulta mais latente. Ali, seu estatuto resulta sempre ambíguo. Se tentam reafirmar sua identidade coletiva, forçosamente têm que fazê-lo assumindo uma atuação que pretende diluir sua identidade individual. Portanto, ou infiéis a sua cultura ou infiéis a si mesmas, sempre infiéis.*

* La República (Costa Rica) 5-7-93

2. Debater

- Concluída a leitura, o professor ou a professora fará uma síntese do problema central que menciona o artigo jornalístico anterior, para logo convidar aos jovens a que o discutam em grupo.

Pode comentar que nesse texto, uma mulher examina - de sua perspectiva de mulher- uma situação particular na qual vivem as mulheres, hoje, em alguns países do mundo, como outros países já viveram no passado. É preocupante a existência de algumas normas legais que restringem a liberdade da mulher -por exemplo, a que lhes impõem o uso do véu ou a que proíbe a maquiagem - para proteger uma tradição cultural e religiosa. Aqui, a busca da identidade individual entra em conflito com a defesa da identidade coletiva. E as mulheres não escapam ao conflito ou da contradição interior.

- Algumas sugestões para a discussão:
 - * São legítimas as posições das partes em conflito, ou não?
 - * Por quê?
 - * Ensinam-se aqui direitos humanos? Quais? De quem?
 - * Como acham que poderia resolver-se o conflito?
 - * Quem poderia resolvê-lo?
- Os jovens se reunirão a seguir no plenário para compartilhar suas opiniões. Com esta discussão não se pretenderá chegar a uma resposta ou solução "correta". É difícil dizer se existe ou não, especialmente para quem examina a situação de fora da cultura. O que interessa é tomar consciência do conflito de direitos e pensar sobre ele considerando as perspectivas de todas as partes envolvidas. Nem sempre é simples...

Para pensar sobre o valor da lei

SE NÃO HOUVESSEM JUIZES...

O MOENDEIRO E O REI

Conto tradicional alemão

Há 200 anos vivia o rei Federico Segundo de Prússia. Federico era um dos reis alemães mais poderosos de seu tempo. 200 mil soldados formavam seu exército. Os territórios de seu reino eram quase tão grandes como o território que ocupam El Salvador, Nicarágua e Costa Rica ou a Amazônia. A capital do reino era a cidade de Berlim.

O rei Federico tinha um palácio nos arredores da capital. Lá retirava-se para descansar e gozar da tranquilidade de seus jardins e bosques. Mas desgraçadamente junto ao palácio existia um moinho de vento. Este moinho pertencia a um senhor que usava-o para moer os grãos de trigo até convertê-los em fina e branca farinha. Apenas soprava o vento, começavam a girar as grandes hélices. Estas por sua vez moviam as rodas de pedra que começavam a moer. Tudo junto fazia um escândalo que chegava a muitos metros de distância. O rei chateava-se, pois dizia que com esse escândalo não podia nem pensar nem trabalhar. Muito menos descansar.

Por fim um dia mandou chamar ao moendeiro e lhe disse:

- Você compreenderá que não podemos seguir juntos neste lugar. Um dos dois terá que retirar-se. Quanto você pode me dar por este palácio?

- No princípio o moendeiro não entendeu e por isso o rei explicou-lhe: - Você não tem dinheiro para comprar este palácio. Por isso será melhor que me venda o seu moinho.

- Bom, disse-lhe o moendeiro, eu não tenho dinheiro para comprar-lhe seu palácio, mas você também não pode comprar-me o moinho. O moinho não está à venda.

O rei pensou que o moendeiro queria conseguir um bom preço e por isso ofereceu-lhe mais do que valia a propriedade.



Mas o moendeiro voltou a dizer: -O moinho não está a venda.

O rei ofereceu-lhe uma soma maior ainda. Então o moendeiro disse-lhe: -Não venderei o moinho por nenhuma quantia.

Aqui nasci e aqui quero morrer. Eu recebi este moinho de meus pais e quero deixá-lo a meus filhos para que vivam sob o amparo das bênçãos de seus antepassados.

O rei perdeu a paciência. De maneira cortante disse: -Homem, não seja néscio. Eu não tenho por que seguir discutindo com você. Se não quer fazer um trato que lhe convém, chamarei a uns entendidos para que digam quanto vale na realidade esse moinho velho. Isso será então o que se pagará a você e mandarei arrancar essa máquina.

Tranqüilamente o moendeiro sorriu e contestou a Federico: -Isso você poderia fazer se não houvessem juizes em Berlim.

O rei contemplou-o em silêncio. Contava a gente daquele tempo, que em lugar de encolerizar-se, agradeceu essas palavras. O moendeiro sabia que o rei respeitaria a lei.

Federico não insistiu mais. O moinho ficou no seu lugar como um monumento à justiça cega. Tão cega, que não distingue a um rico de um pobre nem a um rei poderoso de um humilde moendeiro. Durante 200 anos chegaram pessoas de todas as partes do mundo a visitar esse lugar e a ouvir a história do moendeiro e o rei.

Na última guerra mundial, uma bomba das tropas inimigas destruiu tanto o palácio quanto o moinho. Mas a história não foi esquecida.



- Lido o conto, se proporá uma pergunta para o debate:
- * O que aconteceria numa comunidade se não houvessem leis nem juizes?

Para conhecer mais sobre nossas leis

A LEI DE TODOS¹

- O professor ou a professora informará a seus estudantes, que eles irão realizar algumas atividades fora da aula para ter uma experiência direta, “de primeira mão”, sobre como ditam-se e aplicam-se as leis em seu país. Não é preciso dar-lhes antes nenhuma explicação teórica sobre os sistema e os procedimentos legislativos e judicial. Só lhes serão apresentadas umas poucas perguntas básicas para que tenham presentes durante as atividades. Elas servirão como guia para a discussão posterior.

1. Como nascem as leis?

Perguntas para orientação:

* O que é a lei?

* Quem a formula?

* Por quê?

- O professor ou a professora organizará uma visita da turma a alguma Câmara regional ou central do Congresso ou Assembléia Legislativa de seu país. O fará quando esta esteja em sessões, de maneira que os estudantes possam ver os parlamentares em suas funções.
- Com antecipação, o docente também solicitará uma entrevista com algum legislador a fim de que a classe possa conversar com ele ou com ela, se for possível no mesmo dia da visita a Câmara ou num próximo dia. Ou pode-se convidar a um legislador para ir à classe para dar uma breve conferência ao grupo. Em qualquer dos dois casos, se pedirá ao expositor que fale sobre as três perguntas guia.
- Depois destas experiências, os estudantes discutirão coletivamente as perguntas guias.

2. Como aplicam-se as leis?

Perguntas para orientação:

* Por que se obedece a lei?

¹ *Proposto pelo Centro de Direitos Humanos das Nações Unidas em ABC - La enseñanza de los Derechos Humanos*. Nova York, 1989.

- * Como se faz "justiça"?
- * Como se consegue a igualdade ante a lei?
- O professor organizará uma visita a um Tribunal para observarem um ato de administração da justiça -um julgamento oral, nos países que empreguem este procedimento, ou algum tipo de audiência pública, preferencialmente de caráter judicial. Se isso não for possível, pode ser uma audiência administrativa, em algum Ministério ou Dependência do Estado que as realize regularmente, qualquer que seja o tipo de direito que aplique-se: trabalhista, do menor ou da família e administrativo.

Também pode-se convidar para visitar a classe a uma figura local - um político, um juiz, um fiscal ou defensor público, um advogado que exerce a profissão privadamente, para que a classe faça as três perguntas de orientação do exercício anterior, mais as três deste exercício.

- Com as informações recolhidas, os estudantes analisarão coletivamente todas as perguntas propostas.

Para integrar, criando...

TRANSFORMANDO EM IMAGENS!

- O professor ou a professora convidará aos jovens para que, em grupos, montem vários cartazes nos quais expressem com imagens suas idéias e sentimentos sobre a igualdade entre as pessoas.

Cada grupo poderá escolher como tema qualquer um dos que discutiram-se ao trabalhar a Unidade. Por exemplo:

- * Igualdade e diferença entre as pessoas
 - * Diferenças legítimas e ilegítimas
 - * Formas de discriminação: de gênero, étnica, cultural, religiosa, etc.
 - * Para combater a discriminação
 - * Igualdade perante a lei
- Podem utilizar todo tipo de imagens recortadas de revistas e jornais. Podem acrescentar fotografias pessoais e do grupo. Ou sair a tirar outras, se o desejarem. Também podem incorporar alguns textos escritos, como títulos de jornais, notas breves ou pequenos poemas, se eles ajudarem a dar clareza e força a mensagem central.

O objetivo mais importante é conseguir que o conjunto armado transmita a visão dos jovens sobre algum ou vários dos conceitos que analisaram.

- Uma vez terminados, todos os cartazes serão exibidos nas paredes da sala de aula.

Agora... mãos a obra!

DISCRIMINAÇÃO PASSIVA

Refletir sobre a discriminação as pessoas deficientes

a. Ler e compartilhar.

DEFICIÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO¹

- A discriminação em razão de uma deficiência apresenta-se através de toda a história da humanidade. Na pré-história, a pessoa com uma deficiência, era abandonada a sua própria sorte. Na Grécia antiga, os espartanos tinham por costume lançar as crianças com deformações no fundo do mar. Em Roma, a famosa Pedra Tarpeya foi instrumento para sacrificar as crianças deficientes. As crenças judeu-cristãs nos dão a imagem da compaixão que deve ter qualquer cristão para com a pessoa portadora de uma deficiência e, assim mesmo, a idéia de que a deficiência é vista como um castigo de Deus.
- Hoje a sociedade não lança as crianças deficientes no fundo do mar, mas por meio de uma série de atitudes, exterioriza a discriminação em razão da deficiência. Os motivos desta discriminação são profundos, e encontram-se nas estruturas sociais e culturais que determinam os estereótipos transmitidos através da história e dos grupos que ostentam o poder. Esta discriminação encontra-se, inclusive, no mesmo núcleo familiar, cuja atitude é determinante para o desenvolvimento da pessoa com deficiência, sendo a família o ente principal de frustrações e complexos.
- A forma na qual a deficiência manifesta-se com maior freqüência é por meio do sentimento de pena e "compaixão que excitam os males de outro", exteriorizando no princípio do "coitadinho" um sentimento que oculta uma carga de agressão ao desqualificar a pessoa com deficiência. Mas existem outras formas de manifestá-lo como, por exemplo, deixar óbvio o problema, abandoná-lo, ignorá-lo, etc.

Deficiência:

É toda restrição ou ausência da capacidade de realizar uma atividade dentro do comum, por perda ou defeito produzido num membro, órgão, tecido ou outra estrutura do corpo, incluídos os sistemas próprios da função mental.

A deficiência caracteriza-se por excesso ou insuficiência no desempenho ou realização normal de uma atividade rotineira, podem ser temporais ou permanentes, reversíveis ou irreversíveis, e progressivas.

¹ Adaptado de: *Deficientes e Direitos Humanos*, Compilação do Instituto Interamericano de Direitos Humanos, 1992; Rodrigo Jiménez, *Discriminación y Discapacidad*. Reprodução da Mala Didáctica da Venezuela.

*** Discriminação Ativa:**

Quando o ordenamento jurídico, por meio de uma ação, dá um trato desigual ao que é igual, tipificando dessa forma uma discriminação. Quando são realizadas ações diretas que afetam os direitos de certas pessoas.

*** Discriminação passiva:**

Manifesta-se por omissão, isto é, pela ausência, de normas, ações, atitudes que assegurem um trato ao que é diferente.

Investigar

Os estudantes realizarão observações em sua comunidade, dos trabalhos que realizam as pessoas deficientes e consultarão a seus pais e vizinhos sobre as oportunidades de trabalho que acreditam que podem ter os deficientes nos lugares de trabalho dos entrevistados.

Pesquisarão também a legislação existente no país sobre o tema.

Pesquisar

- Os estudantes realizarão observações das dificuldades ou facilidades presentes nas construções, nas edificações, ruas, centros de estudo, etc.

Propôr

Os alunos se reunirão em plenário para compartilhar o resultado de suas investigações e oferecer suas opiniões sobre as possíveis soluções.

- Cada grupo procurará dar recomendações a:
 - Ministério de Educação.
 - Sindicatos e empresários.
 - Ministério de Transporte e Comunicações.
 - Construtores, Prefeitos ou Prefeituras.
- Solicitarão intervenções voluntárias sobre as formas de discriminação passiva que encontraram em sua pesquisa.